



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**RENATA PEREIRA PADILHA DO ROSÁRIO**

**POR UM MUNDO MAIS FILÓGINO: EDUCAÇÃO E FEMINISMO**

**GUARABIRA - PB  
2018**

**RENATA PEREIRA PADILHA DO ROSÁRIO**

**POR UM MUNDO MAIS FILÓGINO: EDUCAÇÃO E FEMINISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduanda em História.

Área de concentração: História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Pós-Dr.<sup>a</sup> Susel Oliveira da Rosa.

**GUARABIRA - PB  
2018**

R789p Rosário, Renata Pereira Padilha do.  
Por um mundo mais filógeno: [manuscrito] : educação e  
feminismo / Renata Pereira Padilha do Rosario. - 2018.  
30 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa ,  
Coordenação do Curso de História - CH."  
1. Feminismo. 2. Educação. 3. Chimamanda. I. Título  
21. ed. CDD 305.42

RENATA PEREIRA PADILHA DO ROSÁRIO

POR UM MUNDO MAIS FILÓGINO: EDUCAÇÃO E FEMINISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduanda em História.

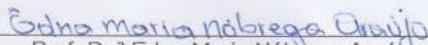
Área de concentração: História.

Aprovada em: 29/11/2018.

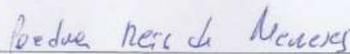
BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Pós-Dr.<sup>a</sup> Susel Oliveira da Rosa.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
(Orientadora)



Prof. Dr.<sup>a</sup> Edna Maria Nóbrega Araújo,  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
(Examinadora)



Prof. Dr. Joedna Reis de Menezes.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
(Examinadora)

DEDICO. Para aquela que sempre foi o maior exemplo de feminista, mesmo sem saber que é uma. Este trabalho vai para a senhora Mãe.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e a Santa Terezinha (Tê-tê) por todo refúgio e forças para enfrentar esses cinco anos de construção do conhecimento.

Agradeço a minha família, meu TUDO!

Agradeço imensamente a minha Mãezinha Marleide por ser esse exemplo de mulher extraordinário. Agradeço também a meu Pai Rafael, meus irmãos Ravena e Renato e minha avó Elvira e Tia Maria. Cada noite em claro, cada reclamação, cada discussão começada e todos os esforços somente foram possíveis porque sempre tive do meu lado vocês. Sei que são poucas as pessoas que podem ter ao lado pessoas que os apoiam incondicionalmente, sou sortuda por tê-los ao meu lado. Obrigada!

Agradeço em especial a minha irmã e alma gêmea Ravena, que se fez presente em todos os momentos. Compartilhamos muitas resenhas e sonhos. Obrigada por cada ajuda com as atividades, por acreditar em mim mesmo quando eu mesma não acreditava mais. Obrigada por seu amor.

Agradeço também aos meus amigos/irmãos André Felipe e Zé Carlos por se fazerem presente durante estes anos, apoiando, emprestando a cumplicidade e os computadores. Agradeço a minha amiga/irmã Ana Maria por se fazer presente, mesmo quando as fronteiras geográficas não permitiram. Ana obrigada por todas as orientações/sugestões e risadas.

Agradeço aos meus amigos, por todas as motivações e por estarem sempre ao meu alcance para ouvir minhas reclamações, em especial a Bárbara, Juliana, Izabel, Jadna, Oberlan, Sanderson Felipe, Hugo e Alison.

Aos meus nerds Aniele, Wellington e Matheus, agradeço por toda cumplicidade dentro e fora da sala de aula, vocês foram essenciais, assim como Eduardo, Francileide, Thiago, Júlio, Pedro e Alan Emesson. Sem vocês minha trajetória teria sido sem graça, triste e menos filosófica. Espero está aqui para cada um de vocês da mesma maneira que vocês estiveram pra mim. Agradeço também aos outros nerds da minha turma História 2014.1, vocês ajudaram a me tornar uma pessoa melhor.

A Rosângela e a Aniele eu agradeço o abrigo e aconchego da família de vocês. Obrigada por abrir as portas de suas casas e de seus corações. Obrigada por tudo.

Agradeço também ao pessoal da SaGalera do Busão. Obrigada por cada cantoria, adedonha, comida e conversas sobre os mais variados assuntos (foi em meio a estas conversas que descobri que sou feminista). Obrigada por isso também. Agradeço em especial a Regina, Marília, Vanessa, Valquiria e Valnei desconstruímos e construímos muitos saberes. O trajeto para Guarabira não foi o mesmo sem vocês.

Aos Debochados da Besta, agradeço por cada gargalhada, resenha e comida.

Agradeço a todas aquelas e aqueles que fizeram com que o meu amor pela educação aumentasse mais ainda. Obrigada Ruston Lemos, jamais esquecerei da sua frase “isso também vai passar”. E sempre passa. Agradeço as queridas professoras Edna, Naiara, Cheila, Simone e Mariângela por instigar a buscar o melhor. Agradeço a amizade e cumplicidade de Cristiano, que de um professor virou amigo. Agradeço em especial ao professor Carlos Adriano por apresentar a minha autora preferida Chimamanda. A todos vocês que contribuíram para o meu crescimento profissional e intelectual, muito obrigada.

Agradeço especialmente a minha orientadora Susel por todo apoio emocional e confiança. A senhora é um anjo que veio para acalmar meus dias nesta reta final. Agradeço por toda generosidade e preocupação, a senhora é um exemplo de pessoa e profissional. Como pode uma pessoa falar tão doce assim? Com certeza era para ser a senhora. Obrigada por ser esse ser humano incrível.

Agradeço em especial a doutora Joedna Reis, professora examinadora, por ter aceitado avaliar este trabalho. As sugestões e críticas serão fundamentais para o enriquecimento do mesmo.

Bem como a todos os funcionários da UEPB, pelos serviços prestados.

Muito obrigada a todos!

*Não leva na maldade não, não lutamos por inversão.  
Igualdade é o x da questão, então aumenta o som.  
Em nome das Marias, Quitérias, da Penha Silva.  
Empoderadas, revolucionárias, ativistas.  
Deixem nossas meninas serem super-heroínas.  
Pra que nasça uma Joana d'Arc por dia.  
Como diria Frida "eu não me Kahlo!"  
Junto com o bonde saio pra luta e não me abalo.  
O grito antes preso na garganta já não me consome.  
É pra acabar com o machismo, e não pra aniquilar os homens.  
Quero andar sozinha, porque a escolha é minha.  
Sem ser desrespeitada e assediada a cada esquina.  
Que possa soar bem:  
Correr como uma menina;  
Jogar como uma menina;  
Dirigir como menina;  
Ter a força de uma menina.  
Se não for por mim, mude por sua mãe ou filha.*

*Keylla Cristina Dos Santos Batista e Ricardo Bonadio (2017).*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 EDUCAÇÃO FEMINISTA E OS ESTUDOS DE CHIMAMANDA.....</b>	<b>13</b>
<b>3 POR UM MUNDO AMIGO DAS MULHERES.....</b>	<b>22</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>

## POR UM MUNDO MAIS FILÓGINO: EDUCAÇÃO E FEMINISMO

Renata Pereira Padilha do Rosário<sup>1</sup>

### RESUMO

As desigualdades entre homens e mulheres são construções sociais e estão naturalizadas na sociedade contemporânea em um processo cultural. É comum que meninas sejam educadas para serem sensíveis/agradáveis, moldando um comportamento submisso, já os meninos adquirem características de dominação. Assim, no presente artigo buscou-se analisar algumas ideias formuladas na obra *Para educar crianças feministas – um manifesto*, escrita por Chimamanda Ngozi Adichie e sua relação com uma nova prática educativa, capaz de reduzir os preconceitos de gênero. Além disso, buscou-se fundamentar o trabalho trazendo algumas reflexões sobre a proposta de criação de *um mundo amigo das mulheres*, defendido por Margareth Rago. Dessa forma, este estudo deixa como contribuição uma discussão que fortalece a importância da aprendizagem voltada para as discussões em torno das relações de gênero, que devem ser trabalhadas dentro da sala de aula, mostrando como os comportamentos se perpetuam no embasamento de parâmetros sociais sexistas.

**Palavras-Chave:** Feminismo. Educação. Chimamanda.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as mulheres se inseriram em cenários de invisibilidade, de modo que as mesmas sempre vivenciaram situações de preconceitos sociais e políticos (LOURO, 1997). Como consequência da referida segregação, surgiram os movimentos feministas, em prol da ampliação dos direitos sociais das mulheres (CASTRO & MACHADO, 2016). Todavia, de acordo com Silva (2017), esta palavra, e sobretudo o movimento, são utilizados erroneamente pelo senso comum, isto é, disseminam, por exemplo, a ideia de que as feministas irão se comportar como os homens, lutam para tomar o lugar que é ocupado por homens, entre outras posturas que passam ao largo do real significado de feminismo.

Este tipo de imagem é difundida socialmente e reforça conceitos misóginos das feministas como incapazes e desqualificadas para colaborar/contribuir com a vida pública e política da sociedade. Destinando as competências das mulheres apenas para os aspectos da vida doméstica. Elaine Showalter (1994) chamou de

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. Guarabira-PB.  
Email: babythynha@hotmail.com.

“discurso patriarcal”, a ideologia por traz desse imaginário errôneo, que propaga e dissemina os estereótipos e que viabilizam uma cultura experienciada apenas para os homens.

Nessa perspectiva, uma análise histórica sobre as vidas femininas reflete inúmeras marcas de preconceitos sofridos pelo gênero. Ademais, um fator crítico, nesse âmbito, é que a desigualdade social entre os gêneros é justificada, no senso comum e científico, como distinção biológica, uma vez que fontes polêmicas de debates argumentam “que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção [...] na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente” (LOURO, 1997, p. 20).

É perceptível que essas concepções fortalecem a prática do machismo, e conforme as formulações de Louro (1997), não se buscam contrapor esse tipo de argumentação, logo, faz-se necessário o debate acerca do gênero e educação. O machismo ao longo da história foi sendo construído de maneira cultural e a sociedade o naturalizou para poder fundamentar um comportamento misógino/sexista, isto é, “usam a tradição para justifica-lo” (ADICHIE, 2017).

Historicamente, homens e mulheres ocuparam lugares distintos na sociedade, havendo uma notável opressão aos indivíduos do gênero feminino. Além disso, embora com o movimento feminista e as inúmeras conquistas, atualmente as mulheres ainda lutam por melhores condições de trabalho e igualdade, sofrendo constantes ameaças, pressões machistas e violência (PEREIRA & SILVA, 2018). Silva (2010) destaca que a violência contra a mulher não se resume apenas na agressão física e/ou sexual, mas sobretudo na discriminação e preconceito.

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2017 foram registrados em média cerca de 164 casos de estupro por dia no Brasil, um total de 60.018 casos por ano. Esta média corresponde a dados extremamente preocupantes, ou seja, a cada 11 minutos uma mulher é abusada e a cada 2 horas uma é assassinada no país. De acordo com especialistas este número certamente pode ser o dobro do resultado, levando-se em conta que muitos casos de violência contra mulheres<sup>2</sup> não são notificados, denunciados ou não chegam ao conhecimento da polícia, logo, não são estatisticamente contabilizados.

---

<sup>2</sup>Para mais informações, consultar a Agência Patrícia Galvão, uma iniciativa do Instituto Patrícia Galvão, que produz conteúdos voltados para mulheres.

Alguns casos são desumanos e o agressor na maioria das situações é alguém conhecido ou muito próximo da vítima. A exemplo disso, pode-se mencionar um caso veiculado nas mídias e ocorrido em Uberlândia, no Triângulo Mineiro, em novembro de 2018 em que o avô violentou sua própria neta durante um ano, uma adolescente de apenas 13 anos.

No referido caso<sup>3</sup>, a vítima relatou que sofria abuso do seu avô e que o mesmo realizava sexo anal e oral nela a cerca de um ano. Em depoimento, a adolescente alegou que era acariciada, obrigada a usar roupas curtas e a dormir na mesma cama que seu avô. As investidas e os abusos intensificaram-se, ao ponto de o agressor relatar: “É hoje que vai rolar”. Dando a entender para a adolescente que iria ser consumado a penetração vaginal. A mesma não queria cometer tal ato e sentindo-se ameaçada fugiu da casa em que vivia sozinha com ele.

Após fugir da casa, a adolescente decidiu então compartilhar sua angústia com algumas amigas que a orientaram a realizar denúncia na Polícia Militar. O homem confessou o crime, mas alegou não ter cometido nenhuma penetração. Casos como esse reforçam o quanto é importante a educação das crianças para uma sociedade mais filógina, pautada na eliminação da dominação masculina, e na prevenção/redução da violência contra mulher, comprometendo-se com o desenvolvimento das relações entre mulheres e homens, onde ambos consigam compreender os espaços como pertencentes aos dois.

Com base nessas informações pode-se destacar que as instituições de ensino apresentam papel importante na transmissão de conhecimentos que modifiquem a visão social vigente acerca de questões de gênero. De acordo com Louro (1997), o debate no campo social poderá evitar interpretações equivocadas e generalizadas tanto a respeito do homem quanto da mulher, contribuindo para novas posturas éticas e valorativas

Assim, diante do exposto e considerando a atual disseminação dos discursos de ódio contra as mulheres e tudo que as envolvem, o presente trabalho se propõe a realizar uma análise historiográfica, tendo como referência o livro de Chimamanda Ngozi Adichie, *Para Educar Crianças Feministas – um manifesto* (2017). Dessa forma, este estudo objetiva discutir como as sugestões de Chimamanda podem

---

<sup>3</sup>Reportagem retirada do site BHAZ. Disponível em: <<https://bhaz.com.br/2018/11/18/avo-estupra-neta-esposa/>>. Acesso em 22 de novembro de 2018.

colaborar para a transformação de um mundo mais filógino. Ademais, busca trazer reflexões e evidências científicas que fortaleçam a importância das discussões em torno das relações de gênero nas escolas, como também trabalhadas dentro das salas de aulas, mostrando como os comportamentos de homens e mulheres estão naturalizados e embasados em parâmetros sociais sexistas.

Este trabalho encontra-se dividido em 4 (quatro) tópicos principais, incluindo esta introdução. No segundo tópico será levado a discussão as sugestões contidas no livro supracitado para a prática docente e a inserção nas aulas de história das temáticas feministas, ressaltando a importância da construção da identidade feminina e contextualizando o papel da educação frente a tais polêmicas. O terceiro tópico traz discussão e reflexões a respeito dos feminismos, das lutas e bandeiras erguidas para a construção de identidades, culturas e parâmetros femininos para construir um mundo filógino, na perspectiva sugerida por Margareth Rago. Por conseguinte, no quarto e o último apresentam-se as considerações finais, bem como as referências que fundamentaram este trabalho.

## **2 EDUCAÇÃO FEMINISTA E OS ESTUDOS DE CHIMAMANDA**

Chimamanda Ngozi Adichie é uma nigeriana escritora romancista, símbolo da referência na luta contra a discriminação social. Considerada uma grande autora feminista da atualidade, Adichie distingue-se pelo caráter político do seu discurso ao problematizar a inferiorização das mulheres nas relações de poder e como a sociedade naturalizou tais circunstâncias. Nascida em 1977, na Enugu, Nigéria, filha de mãe administradora e pai professor. Chimamanda foi a quinta entre os seis filhos e sua família pertence a tradicional etnia nigeriana Igbo<sup>4</sup>.

Felix e Paulino (2018), que em seus estudos refletiram sobre a voz da mulher no conto *A historiadora Obstinate*, publicado em 2017 por Chimamanda, destacam que esta autora apresenta uma postura declaradamente feminista, uma vez que a mesma se considera “feminista, feliz e africana, que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma e não para os homens” (ADICHIE, 2015, p 15). Chimamanda direciona sua atenção a questão do feminismo, destacando as interpretações errôneas atribuídas ao termo, por este motivo menciona: “tenho a

---

<sup>4</sup> Os Igbos, cuja a pronúncia é: Ibos, são considerados um dos grupos étnicos maiores da África. Habitam ao leste, sul e do sudeste da Nigéria. Disponível em: <<https://josealfredo1913.wordpress.com/2014/01/05/os-ibos/>>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

impressão de que a palavra “feminista”, como a própria ideia de feminismo, também é limitada por estereótipos” (ADICHIE, 2015, p. 8).

Nessa perspectiva, torna-se importante refletir acerca da necessidade de uma educação pautada no ensino de gêneros, uma vez que ao se recolocar tal debate no âmbito social e acadêmico abre-se espaço para que as pessoas compreendam que tais fenômenos constituem a identidade dos indivíduos, por este motivo, precisam ser estudados, debatidos e polemizados, de modo a incluir as questões de gênero e sexualidade para estabelecer saberes e verdades no âmbito educativo (LOURO, 1997).

Conforme explana Martins (2018), as primeiras obras publicadas, *Meio Sol Amarelo* (2008) e *Hibisco Roxo* (2011), possibilitaram a Chimamanda reconhecimento e notoriedade por seus trabalhos. Todavia, posteriormente, foi o livro *Americanah* (2014), que rendeu a autora destaques internacionais e várias premiações, entre elas a prestigiosa premiação no National Book Critics Circle Award. Ademais, os direitos autorais de *Americanah* foram comprados para o cinema por Lupita Nyong e Adichie assinou uma coleção de contos *The Thing around Your Neck* (2009). Cabe ressaltar que as obras de Chimamanda foram traduzidas para mais de trinta países.

*Sejamos Todos Feministas* (2015) é a versão literária modificada do discurso de Chimamanda proferido na TEDxEUSTON<sup>5</sup>. O livro tem uma linguagem clara, de fácil compreensão, além de ser uma leitura convidativa. Adichie constrói uma narrativa a partir de suas lembranças na conjuntura social da Nigéria, expõe os desafios de quebrar os estigmas sexistas institucionalizados e desconstrói as relações de poder entre homens e mulheres. Além disso, demonstra como o termo feminista é deturpado quando alguém se autodenomina ser adepto/integrante desse movimento.

Ainda tratando-se da obra *Sejamos todos Feministas*<sup>6</sup>, cabe destacar que a autora fortalece a importância de quebrar paradigmas, criticando a educação tradicional, que na maioria das vezes não trabalha questões importantes em sala de aula para minimizar as desigualdades de gêneros (DOMINGUES, 2017). Ademais,

---

<sup>5</sup> TED (Technology Entertainment Design), é uma organização mundial que tem como propósito disseminar ideias, sem fins lucrativos. A TEDxEuston é uma Conferência que acontece todos os anos com foco na África. A referida aconteceu em 2012.

<sup>6</sup> O livro foi distribuído gratuitamente para jovens de 16 anos na Suécia em 2015. O intuito era de estimular as discussões a cerca do feminismo e da igualdade de gênero.

menciona a importância de uma educação de gênero tendo como base a perspectiva feminista, fugindo dos estereótipos, uma vez que estes causam determinadas “limitações” e “formatações” ao pensamento humano (ADICHIE, 2015).

Chimamanda traz formulações interessantes em seus escritos e destaca que, do contexto histórico ao âmbito atual, as realidades de homens e mulheres são diferentes, bem como a discriminação de gênero é tratada como uma normalidade. A autora fala de suas experiências com os preconceitos e menciona um fato ocorrido em sua infância, em que realizou um processo seletivo para monitoria em sala de aula, cujo requisito era quem obtivesse maior nota no teste, porém, mesmo conseguindo a maior nota não foi escolhida, uma vez que a vaga foi concedida ao segundo colocado, que era do sexo masculino (ADICHIE, 2015).

De acordo com Adichie (2015), tal acontecimento representou uma de suas primeiras experiências com o preconceito de gênero, pois na época ela tinha apenas 9 anos. A autora destaca ainda que nas regras do processo seletivo não havia nenhuma informação que alegasse que o sexo masculino era uma exigência, pois a professora acreditava que era óbvio que todos compreendessem que para assumir a monitoria era preciso ser menino, fato que demonstra que a dominação dos homens em relação as mulheres é tratado como se fosse algo normal e padrão.

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar "normal" que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. (ADICHIE, 2015, p. 16-17).

Adichie (2015) deixa muitas contribuições com seus discursos, pois destaca, sobretudo, que a forma que as crianças estão sendo educadas fortalece as desigualdades, uma vez que a questão do respeito e eliminação dos preconceitos de gênero ficam fora dos debates educacionais, por este motivo as relações interpessoais ao longo da vida ocorrem com a mulher “subordinada”, sendo que ela sempre deve justificativas ao homem e até abrir mão de algumas coisas.

Somos seres sociais, afinal das contas, e internalizamos as ideias através da socialização. Até mesmo a linguagem que empregamos dentro do casamento é reveladora: frequentemente é uma linguagem de posse, não de parceria. Pensamos na palavra "respeito" como um sentimento que a mulher deve ao homem, mas raramente o inverso. (ADICHIE, 2015, p. 33).

Torna-se importante ressaltar o compromisso da educação para a transformação dessa realidade, isto é, no tocante às desigualdades sociais de gênero. Dessa forma, as pedagogias contemporâneas precisam fortalecer as discussões sobre feminismo, gênero e, sobretudo, sexualidade, de modo a ampliar as possibilidades de vivências em harmonia com as diferentes culturas e gerações (LOURO, 2008).

O engajamento e a preocupação em debater questões como a discursão de gênero, fez com Chimamanda tornasse uma personalidade representativa do feminismo na atualidade. Desse modo, isto se comprova na obra, *Para Educar Crianças Feministas – um manifesto*, traduzida por Denise Bottmann e publicada em 2017, tem seu enredo baseado em uma carta encaminhada a uma amiga, tratando de assuntos relacionados à experiência de ser mãe (CALHEIRO & OLIVEIRA, 2017). No contexto do referido livro a autora escreve para a amiga algumas sugestões de métodos para a educação das crianças, enfatizando as perspectivas feministas, sobretudo o feminismo negro africano.

Em síntese, *Para Educar Crianças Feministas – um manifesto*, reúne diversas discussões que auxiliam na preparação de uma sociedade mais comprometida com a igualdade entre os gêneros em todos os tipos de relações, isto é, no âmbito doméstico, no casamento, em ambientes de trabalho, entre outros aspectos. Assim, o livro consiste em uma estratégia para minimizar a dominação masculina (CALHEIRO & OLIVEIRA, 2017).

As práticas educativas, tanto no âmbito familiar quanto acadêmico, precisam passar por atualizações, pois percebe-se que as mulheres são educadas para sentirem vergonha do gênero ao qual pertencem e terem um comportamento ditado pela sociedade, isto é, torna-se comum, de acordo com Adichie (2015), as mulheres ouvirem com frequência frases do tipo “fecha as pernas”, “olha o decote”, entre muitas outras. Tais situações demonstram que infelizmente “o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos” (ADICHIE, 2015, p. 36).

Adichie defende que as mulheres precisam ser educadas sob uma perspectiva feminista, destacando duas premissas, a primeira: “nossa premissa feminista é: eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Não “se”. Não “enquanto”. Eu tenho igualmente valor. E ponto final”. A segunda: “a gente pode inverter o X e ter os mesmos resultados?” (ADICHIE, 2017, p. 12). Nesse âmbito, a educação precisa

contemplar a informação sobre os reais aspectos de gênero e não estereotipar o feminismo, de modo que as desigualdades não se perpetuem nas relações sociais.

Torna-se fundamental que o conceito de feminismo seja esclarecido, pois muitos homens acreditam que tal termo trata-se de uma ameaça. Ademais, a autora apresenta um conceito interessante: "feminista é o homem ou a mulher que diz: "Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar". Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar" (ADICHIE, 2015, p. 50). Assim, a mudança das desigualdades de gêneros é um processo coletivo e não requer apenas a participação das feministas, mas da sociedade em sua totalidade.

Dessa forma, no livro analisado, Chimamanda destaca quinze sugestões de como conduzir a criança a partir de uma perspectiva educacional feminista. Na primeira sugestão, Adichie recomenda que as mulheres "sejam completas", não somente mães, mas "completa" em seu sentido geral. A maternidade não é razão para excluir-se do mercado de trabalho ou das relações sociais, mas um complemento para o todo. Porém, a mulher não deve se camuflar em uma figura perfeita, que não recorre a ajuda de ninguém e que tem a obrigação de dar conta de tudo sozinha, inclusive da criação, educação, afetividade e do financeiro. Afinal "Supermulher não existe!" (ADICHIE, 2017, p. 08).

É preciso aprender com os erros e acertos. Ser completa é se permitir aprender com cada oportunidade, sem enxergar a maternidade enquanto um peso, dedicando um tempo também para si própria. A família não é constituída apenas pela mãe ou pelo pai, mas pelo complemento de ambos, apoiando-se nas atividades, sejam do lar, da educação ou do trabalho.

A segunda proposta discute a questão dos papéis exercidos entre a mãe e o pai nos cuidados com a criança, haja visto que o filho é produção de ambos e que a responsabilidade deve ser dividida. Cabe ao pai exercer sua função enquanto uma figura paterna presente, contribuindo assim com os cuidados para com a criança. Ou seja, os pais possuem as mesmas responsabilidades que as mães, mesmo que a sociedade tente culturalmente impor isto como sendo um papel desenvolvido apenas por mulheres.

A terceira recomendação consiste em ensinar para as crianças que não existem atividades ou brincadeiras destinadas apenas para meninos ou meninas, pois todos podem e devem realizá-las (sejam elas quais forem), principalmente no que se refere aos cuidados do lar. Quando separamos o que os sujeitos podem ou

não deixar de fazer por conta do gênero ao qual estes pertencem, criamos moldes e padrões para encaixa-los. Os padrões, tornam os sujeitos hierarquizados nas relações estabelecendo uma divisão de poder entre eles e determinando quem o detêm e aquele é submetido a ele.

A prática doméstica foi institucionalizada socialmente como atividade exercida exclusivamente por mulheres, diante de conceitos misóginos estereotipados da sociedade patriarcal. Essas classificações de gênero estão enraizadas na sociedade de um modo tão natural que se torna preocupante. Por esse e tantos outros motivos que se julga relevante configurar uma nova perspectiva de ensino voltada para o saber e o posicionamento do sexo feminino na sociedade.

Devemos enxergar as crianças pelo o que elas são, com seus “pontos fortes” e “pontos fracos” e não como queremos que elas sejam. (ADICHIE, 2017, p. 12). Quando as crianças são instigadas a desenvolver suas competências, durante o crescimento terão mais chances de se tornarem indivíduos autônomos e confiantes.

Na quarta sugestão a autora chama atenção para o perigo, que ela denomina como “Feminismo Leve”, que defende “a ideia de uma igualdade condicional”. (ADICHIE, 2017, p. 12). Esse tipo de conceito prega uma falsa “liberdade” em que a mulher precisa de autorização para expressar/agir enquanto sujeito feminino na sociedade sexista, estando condicionada ao homem.

A sujeição recai sobre as mulheres, faz com que elas sejam vigiadas, enquanto indivíduos em ascensão. Através do destaque social, as mulheres acabam atraindo olhares de incômodo para elas, sejam olhares de homens, como também de outras mulheres. Logo, essa atenção que se volta não está focada no poder que está sendo exercido. Mas, para o gênero que está executando o poder.

A quinta proposta enfatiza o estímulo a leitura. Chimamanda respalda que seja feita uma ligação maior entre a criança e leituras não convencionais, “autobiografias, romances, histórias”. (ADICHIE, 2017, p. 14). Ao exercer a leitura a criança aprenderá não apenas interpretar, mas também a ter uma perspectiva intelectual e crítica.

Na sexta sugestão, Chimamanda chama atenção para a linguagem utilizada com meninas. As palavras quando pronunciadas podem carregar significados diferentes do contexto. A ressalva que a autora supracitada faz está relacionada com a forma de ensinar as crianças a contestarem a linguagem.

Ao citar sobre o casamento, na sétima recomendação, Chimamanda faz críticas a maneira como é ensinado para as mulheres almejar o casamento como sendo um troféu, romantizando os comportamentos, até mesmo, os abusivos. Quando as mulheres aspiram o casamento como sendo uma condição social, ao invés de representar uma relação afetiva, elas viram vítimas das próprias aspirações.

Contudo, o que não pode continuar sendo repassado e ensinado para as mulheres é o casamento como a maior satisfação pessoal. Ou, simplesmente obrigá-las a permanecer nos relacionamentos abusivos. Transformando, dessa maneira, as próprias vítimas em responsáveis pelo término dos relacionamentos.

Além disso, Chimamanda salienta como a sociedade pressiona na aceitação de modelos preestabelecidos para as mulheres, - como colocar o sobrenome do marido, - porém, não exigem o mesmo dos homens. A autora supracitada relata como na sociedade atual, o discurso patriarcal exige que é responsabilidade da mulher exercer um papel maternal.

Para tanto, é preciso ter em mente para orientar as mulheres que tudo bem se elas não quiserem casar, que tudo bem se elas não quiserem ter filhos. No entanto, vale destacar, que não há pretensão de incentiva-las a repudiar os laços matrimoniais e maternais. Muito pelo contrário, a aspiração é mostrar que existem outras possibilidades e que elas podem escolher quais as trará felicidades. Caso, as mulheres desejem ser mãe, que sejam então.

Adichie aborda, na oitava sugestão, numa boa temática, a de que mulheres não precisam se fazer agradáveis o tempo inteiro. Desde a infâncias as mulheres são preparadas de como devem si portar diante da sociedade, não sendo respondonas e hostis. Chimamanda recomenda que as mulheres devem ser elas mesmas em suas plenitudes e que não tem problemas se elas não agradam a todo mundo. Com isso, ao mudar para agradar as pessoas, as circunstâncias ou aos homens, as mulheres não serão honestas com suas personalidades e nem com os outros.

Chimamanda defende a autonomia para podermos “desenvolver nossa personalidade mais autêntica”. (ADICHIE, 2017, p. 18). As mulheres sofrem pressão para disfarçar seus sentimentos, não podendo demonstrar quando estão mal-humoradas, precisam ser “boazinhas” e amigáveis. Outra ressalva importante feita pela autora é o perigo que as mulheres “boazinhas” enfrentam, pois ficam

silenciadas quando sofrem alguma violência dos “predadores sexuais”. (ADICHIE, 2017, p. 19).

Na nona proposta, a autora evidencia a importância de uma construção de identidade cultural, onde as mulheres possam ter orgulho de suas origens, e, principalmente, possam se identificar enquanto indivíduos pertencentes há uma cultura. Chimamanda aponta que as mulheres precisam respeitar e cumprimentar todas as pessoas, sem fazer distinção alguma.

Para a décima recomendação, Chimamanda argumenta que as mulheres deveriam praticar os mais variados esportes, a prática fará bem tanto para mente como para a saúde. Outro ponto argumentado por Adichie é que as mulheres precisam/devem sentir à vontade com seus corpos e não acuadas ou constrangidas. Os padrões propostos pela sociedade do que viria a ser um “corpo ideal”, faz com que inúmeras mulheres tenham uma baixa autoestima.

As mulheres se olham no espelho e enxergam seus corpos diferente do que são. Então, vão em busca de fazer dietas<sup>7</sup> mirabolantes que colocam em risco suas vidas. Além disso, submetem-se a procedimentos estéticos<sup>8</sup> que podem leva-las a óbito. Tudo isso, em prol de se encaixar nos padrões do “corpo ideal”. Diante do exposto, Chimamanda contrapõe que as meninas devem usar maquiagem se elas gostarem, caso contrário, não precisa coagi-las.

Entre as recomendações que Chimamanda aborda, ela exemplifica que ao falar com as meninas não façam associação entre a “aparência” e a “moral” ou o “cabelo a dor”. (ADICHIE, 2017, p. 21). Ao associar expressões as mulheres, coloca-as em um lugar onde as compara umas com as outras. Assim como os padrões para o “corpo ideal” existem para os cabelos. Muitas mulheres ainda quando crianças são sujeitadas a passar por procedimentos que usar produtos químicos<sup>9</sup> fortes. Cabe salientar, que a autora frisa a autonomia das mulheres como sendo algo crucial, ou

---

<sup>7</sup> Dieta da sopa; dieta do chá; dieta dos pontinhos; dieta da lua dentre tantas outras.

<sup>8</sup> Lilian Calixto morreu após fazer um procedimento estético nos glúteos em julho deste ano com o médico Denis Furtado, mais conhecido como o Dr. Bumbum. A causa da morte da bancária foi embolia pulmonar. Reportagem retirada do site G1. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/08/01/laudo-indica-que-bancaria-que-fez-procedimento-com-o-dr-bumbum-morreu-de-embolia-pulmonar.ghtml>>. Acessado em 26 de novembro de 2018.

<sup>9</sup> Caso Bela, onde a madrastra cortou e alisou os cabelos da enteada de apenas 8 anos. A criança que assumia a identidade de seus cachos se sentiu violentada pela atitude da madrastra, segundo relatos da mãe em uma publicação no Facebook. Reportagem retirado do site Gazeta Online. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/brasil/2018/07/mae-faz-desabafo-apos-madrasta-alisar-cabelo-de-enteada-1014138226.html>>. Acessado em 26 de novembro de 2018.

seja, são elas que devem decidir e não arquétipos preestabelecidos por uma sociedade sexista que coloca a mulher como um objeto sexual.

Na décima primeira proposta, Adichie apresenta que devemos ensinar as mulheres a indagar os motivos que levam a sociedade a usar a biologia para explicar os parâmetros sociais. Chimamanda relata que devemos conhecer primeiramente estes parâmetros da “normal social”, tendo em vista que são criados pelas pessoas, para então poder contesta-los.

Décima segunda sugestão, Chimamanda ressalta que uma educação sexual é importante desde criança. A autora expressa que falar sobre sexo ainda consiste num assunto que gera desconforto nas pessoas, inclusive vergonha de pronunciar os nomes dos órgãos sexuais em público. Haja vista que, durante um longo período as mulheres foram tidas como assexuadas. Contudo, é importante destacar que assim como os homens, as mulheres são seres sexuais e que sentem desejos. Essa temática requer atenção e precisa ser discutida, pois os indivíduos necessitam conhecer seus corpos e compreender sua sexualidade.

A proposta da décima terceira recomendação, consiste na construção de relacionamentos saudáveis. É fundamental que os pais apoiem seus filhos nos primeiros momentos que os sentimentos afetivos apareçam. Chimamanda destaca que é relevante ensinar para as garotas que amar é receber de volta o sentimento concedido e não apenas oferta-lo. Adichie argumenta sobre as relações de poder nos relacionamentos afetivos, que colocam os homens como os responsáveis pelas escolhas dos relacionamentos.

A penúltima sugestão, Chimamanda chama atenção para os cuidados de “ensinar sobre opressão” para não “converter os oprimidos em santos”. (ADICHIE, 2017, p. 27). Esse cuidado frisado pela autora é pertinente nos discursos de gênero para não superiorizar as mulheres, enquanto seres melhores do que os homens. Chimamanda acentua, todavia, que a misoginia feminina existe e que nega-la possibilita a desvalorização o feminismo.

Chimamanda finaliza sua sequência de propostas respaldada na importância de respeitar as diferenças de gênero, religião, raça e sexualidade das outras pessoas. Diante dessa visão, Adichie afirma que nas diferenças existem as particularidades e que cada pessoa tem a sua singularidade. No entanto, a autora argumenta que respeitar as diferentes opiniões é necessário ter uma mente aberta, está bem informada e ser humana.

Para Adichie (2017), o feminismo trata-se de uma questão de contexto, isto é, não existem regras/padrões para a criação de crianças feministas, pois apesar dos esforços dos pais a criança pode optar por seguir ideais diferentes. Todavia, seguir tais sugestões é uma tentativa para ensinar a criança que o gênero feminino não é nenhum limitador, ou seja, nenhuma menina deve ser induzida a fazer ou deixar de fazer qualquer coisa apenas pelo fato de pertencer a tal gênero.

Em outras palavras, pode-se dizer que Chimamanda destaca a importância de se educar as crianças mostrando que elas podem ter a vida que quiser ter, com relações interpessoais pautadas no respeito. Assim, menciona que é necessário falar sobre questões de gênero e feminismo para a criança, pois ela “precisa saber e entender que as pessoas percorrem caminhos diferentes no mundo e que esses caminhos, desde que não prejudiquem as outras pessoas, são válidos e ela deve respeitá-los” (ADICHIE, 2017, p. 28).

Em suma, para a autora, a forma como ocorre a educação e socialização da criança influencia no comportamento em relação a igualdade de gênero. Assim, mudanças nas técnicas educativas/pedagógicas são necessárias para que todos cresçam sabendo respeitar as diferenças, e sobretudo, que as mulheres externem suas ideias e desejos sem se sentirem envergonhadas e diminuídas. Além disso, a mudança cultural é de igual importância, uma vez que “mulheres são subordinadas aos homens porque isso faz parte da nossa cultura” (ADICHIE, 2015, p. 47).

Percebe-se assim que ao levar para o ambiente educativo os conceitos e discussões acerca do feminismo, da sexualidade e dos gêneros, descritas por Chimamanda, é possível criar um espaço para a reflexão das relações entre mulheres e homens na sociedade, quebrando paradigmas e eliminando pensamentos errôneos e equivocados acerca do feminismo, pois tais pensamentos, muitas vezes, são os principais responsáveis por muitos comportamentos naturalizados, bem como pelos preconceitos e desigualdade de gênero.

### **3 POR UM MUNDO AMIGO DAS MULHERES**

A dominação do homem sobre a mulher não consiste em um fato relativamente recente, isto é, trata-se de uma construção social (NOGUEIRA, 2017). Desta forma, pode-se dizer, segundo Rago (1998), que há uma hierarquização, isto é, uma maior valorização de práticas masculinas, em detrimento das femininas.

Além disso, mesmo com tantas transformações e mobilizações das mulheres em seus movimentos feministas, que visam a luta por seus direitos sociais e por autonomia, criou-se imagens estereotipadas de que as mulheres são desqualificadas e tal pensamento, que vem de longa data, ainda predomina na memória social (RAGO, 2001).

Em seu estudo intitulado *Feminizar é preciso: por uma cultura filógena*, Rago (2001) apresenta reflexões sobre o lugar do feminino na cultura, tendo como ênfase a problemática da “estigmatização da feminista como frustrada, assexuada e mal-amada” (RAGO, 2001, p. 58). Assim, a autora destaca essa inversão de ideias, em que as mulheres que lutaram e lutam para alcançar seus espaços na sociedade, de forma justa e igualitária, são vistas como rebeldes, sendo, portanto, desvalorizadas.

Muitos direitos que atualmente podem ser gozados pelas mulheres foram conquistados através de muitas lutas travadas pelos movimentos feministas. Todavia, até mesmo muitas daquelas que são beneficiadas por tais conquistas se mostram alheias ao movimento, concordando com a associação das feministas como “machas, feias e mal-amadas” (RAGO, 1996, p. 11).

Como se explica, então, a atitude antifeminista socialmente difundida e incorporada, mesmo por aquelas que usufruem das conquistas feministas que levaram muitas décadas para se concretizar? Certamente, o mecanismo de naturalização e de cristalização das práticas sociais, que implica sua deshistoricização, é fundamental na configuração do imaginário misógino. De outro modo, como entender esse grande paradoxo que não permite atar nenhum fio com a tradição feminista que herdamos, fazendo supor que um dia o mundo mudou, as portas se abriram para as mulheres e ponto final? Como entender que as mulheres independentes do nosso mundo, sobretudo as jovens, as mais livres, não se identifiquem ou não se sintam em nada devedoras em relação àquelas que lutaram, ou lutam pela abertura do campo de possibilidades de que desfrutam na atualidade, senão por um mecanismo perverso que faz com que tomem como origem o que não deixa de ser efeito produzido cultural e socialmente? (RAGO, 2001, p. 65).

De acordo com as formulações de Margareth Rago, pode-se inferir que as mulheres, ao longo da história, diante de uma leitura excludente e hierarquizada têm sido silenciadas em suas lutas, reivindicações, direitos e ações. A indignação pelo referido silenciamento está refletida nos inúmeros discursos feministas, que buscam dar visibilidade, voz e abertura para às mulheres, bem como a ruptura da concepção de mulher subordinada ao homem, remodelando “a forma de se pensar a construção de uma história cujos sujeitos são mulheres e homens” (SANT’ANNA E SILVA, 2015, p. 15).

Em outras palavras, pode-se dizer que torna-se necessário uma mudança no pensamento social e cultural acerca das mulheres. Dessa forma, Rago (2001), menciona que deve-se estimular a criação de uma maior sensibilidade em relação ao feminino, criando-se, assim, o que a autora chama de um “mundo filógino”, isto é, “amigo da mulher”, e conseqüentemente, com cenários menos violentos e misóginos.

De acordo com o dicionário Larousse, a palavra *filógino* tem origem grega (*philos* = amigo; *gyne* = mulher), sendo traduzida como amor às mulheres e/ou amigo das mulheres (RAGO, 2001). Assim, tal conceito fortalece a tese de igualdade entre homens e mulheres, bem como difunde saberes que estimulam não só o respeito, como também a participação feminina ativa na sociedade.

Sant’anna e Silva (2015), ao analisar os estudos de Margareth Rago, menciona que “as conquistas feministas no seio da sociedade foram indispensáveis para fazer emergir uma história das mulheres feministas, bem como significaram tornar possível mundos menos violentos e misóginos e mais filóginos” (SANT’ANNA E SILVA, 2015, p. 19). Nesse âmbito, um mundo mais amigo das mulheres torna-se interessante e possibilita a desconstrução dos estereótipos que predominam na sociedade.

Se faz necessário que sejam articuladas discussões, estimuladas reflexões a respeito dos feminismos, das lutas e bandeiras erguidas para a construção de identidades, culturas e parâmetros femininos para construir um mundo filógino. Segundo Margareth Rago (2001), faz parte de um processo de feminização cultural vigente, no qual o mundo estaria se tornando mais feminino, feminista, libertário, solidário e filógino, - isto é, oposto a misógeno -, amigo das mulheres e do feminino, o que resulta decisivamente do aporte social e cultural das mulheres no mundo público.

RAGO (2001), sugere que é preciso possibilitar:

mecanismos sutis de desqualificação e de humilhação social que operam em nossa cultura, em relação às mulheres e à cultura feminina. (...) essas estratégias de aniquilamento ou de neutralização das conquistas sexuais e de destruição dos movimentos e das atitudes contestadoras da ordem masculina estabelecida devem ser evidenciadas e enunciadas a cada instante (2001, p.60).

Rago (2002) fundamenta seus estudos com as concepções de diversos estudiosos, destacando aspectos importantes da epistemologia feminina na

perspectiva de Sandra Harding, que discute a necessidade de descentralizar o foco da atenção à masculinidade nas práticas sociais.

O masculino, embora instituído culturalmente deveria deixar de ser o único padrão existente para o assim chamado ser humano, já que os homens não são os únicos habitantes humanos do planeta. Centrar a atenção exclusivamente nas necessidades masculinas, nos seus interesses, desejos, concepções, garante apenas uma compreensão distorcida e parcial das práticas sociais como um todo (HARDING,1996. p. 13 apud RAGO, 2002, p. 14-15).

Ao destacar o processo de feminizar a cultura, Rago (2001) demonstra sua preocupação com a necessidade de inserção das mulheres nas práticas sociais, ou seja, esta feminização se relaciona diretamente com a compreensão das participações diferenciadas entre homens e mulheres em diversas esferas, tais como a profissional, funções, atuação em áreas que por muito tempo foram destinadas exclusivamente ao público masculino, entre outros fatores.

Feminizar, isto é, dar o caráter feminino para funções predominantemente atribuídas ao público masculino, possibilita atenção às necessidades femininas, e conseqüentemente, favorece o cumprimento de um “mundo mais filógino”, como defendido por Margareth Rago. Assim, poderia se obter uma nova perspectiva sobre as experiências das mulheres, de modo que estas não fossem mais julgadas como seres de inferioridade física e mental, pois tal tese torna-se insustentável.

A expressão “um mundo amigo da mulher” reflete, portanto, as transformações necessárias para que as mulheres ocupem seus espaços, rompendo antigos paradigmas que não valorizam o feminismo nem sua adesão. Frente ao exposto, cabe frisar que as feministas precisam perder a imagem negativa que se estabeleceu na sociedade de forma equivocada, logo, torna-se relevante considerar o feminismo como “um conjunto de ideias que reivindicam os direitos da mulher” (RAGO, 1996, p, 11).

A persistente associação da feminista com o lesbianismo, a histeria, o «furor uterino», a incapacidade de ser amada por um homem, repondo-se todas as misóginas concepções vitorianas sobre a sexualidade feminina marcam profundamente a referência através da qual se lida com o fenômeno, ainda hoje. Esta questão adquire maior importância quando levamos em conta que o feminismo colocou como uma de suas principais bandeiras as «políticas do corpo», o direito ao próprio corpo, a reivindicação do prazer sexual para as mulheres e que, aliás, progrediu nessa direção (RAGO, 2001, p. 59).

A valorização da cultura feminina e, sobretudo, do feminismo proporcionaria uma maior sensibilidade acerca desse movimento, bem como a criação de um

mundo “amigo da mulher” (RAGO, 2001). Dessa forma, torna-se possível desconstruir argumentos científicos que desqualificam as mulheres no âmbito físico e moral, de modo a diminuir a concepção que considera a relação entre os gêneros como um processo hierarquizado.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Rago (2001), alguns estudiosos reforçam a influência da cultura para o comportamento dos homens e mulheres nas relações sociais. A exemplo, Simone Beauvoir (2009) foi muito feliz em sua colocação ao destacar que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Desta afirmação de Beauvoir (2009), pode-se inferir que os indivíduos aprendem a ser homens e mulheres em um processo cultural, ou seja, moldam seus comportamentos com base na cultura em que se inserem.

Cabe salientar que “gênero é a aprendizagem que acontece nas relações socialmente produzidas entre homens e mulheres e destes entre si” (CASTRO & MACHADO, 2016, p. 26). Assim, essas correntes teóricas deixam como contribuição discussões que evidenciam a educação numa perspectiva feminista relevante, diante do cenário tradicional onde crianças são educadas através de preceitos comportamentais que mostram mulheres como submissas perante as relações de poder e os homens como sujeitos dominantes.

Portanto, percebe-se então que a educação tem um papel fundamental. Nessa perspectiva, cabe recapitular os pensamentos de Adichie (2017), que defende a preparação/educação das futuras gerações para lidar com a igualdade de gênero em todas as esferas sociais.

A educação proposta por Adichie (2017) é voltada para todos os gêneros, pois ao longo da história as meninas são educadas a serem sensíveis e agradáveis, porém, o mesmo não é ensinado aos meninos. Dessa forma, tais meninas se tornam “presas fáceis” para os homens, fato que favorece a ocorrência de violências, assédios e abusos das mais diversas proporções.

Sendo assim, percebe-se que ocorre um diálogo entre os discursos de Chimamanda com os de Margareth Rago, pois para a construção de um mundo amigo da mulher é preciso a transformação das práticas educativas/pedagógicas, de modo a buscar o respeito entre os gêneros para que as mulheres não possam ser mais silenciadas e/ou diminuídas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As lutas travadas pelas mulheres, com o intuito de obter mais visibilidade no âmbito social, foram marcadas por estereótipos, falta de aceitação, preconceitos, hierarquizações, não reconhecimento e sobretudo, desigualdades. Desta forma, estes fatores estiveram no cerne deste trabalho, de modo que os estudos de Chimamanda acerca da educação feminista e as formulações de Margareth Rago sobre um mundo mais filógino se configuraram como principais elementos condutores de toda as análises e discussões levantadas no presente texto.

A educação feminista, proposta por Chimamanda, volta-se, em síntese, para a argumentação de que as dominações e desigualdades de gênero são naturalizadas na sociedade, encontrando sustentação, inclusive, nas leis. Cabe mencionar que a autora ao discutir a questão do casamento destaca a dominação do homem, isto é, a mudança do nome da mulher, incorporando o sobrenome do marido, por exemplo, representa a submissão feminina de forma institucionalizada.

Além disso, ao alertar sobre a premissa feminista de que as mulheres têm o mesmo valor que os homens, a autora fortalece a luta das mulheres na busca dos seus direitos. Assim, conclui-se que a imposição de gênero está de fato presente nos diferentes meios sociais, seja no ambiente profissional, no casamento, nos comportamentos ensinados, entre outros fatores. Por este motivo, preparar as crianças para terem uma visão mais feminina dessa realidade trata-se de um avanço para diminuir a dominação masculina e a violência de gênero.

Pode-se evidenciar que as 15 (quinze) sugestões propostas no livro *Para educar crianças feministas – um manifesto*, que no contexto da obra são conselhos para a criação de uma filha feminista, representam uma sequência de passos que visam preparar os filhos para a convivência mais harmônica e igualitária entre homens e mulheres, de modo que trata-se de uma tentativa para que os mesmos não vivenciem a complexa realidade de desigualdades sociais de gêneros.

Em outra perspectiva, dentre as evidências que marcam os discursos de Margareth Rago, destaca-se que a criação de um mundo mais filógino, isto é, mais amigo das mulheres carrega uma série de justificativas que contribuem para seu caráter urgente, a saber: as reivindicações das mulheres precisam ser lembradas, elas precisam de voz e visibilidade, é necessário que as oportunidades sejam justas e igualitárias, deve-se quebrar os estereótipos criados acerca do feminismo, a cultura feminina requer valorização, entre outras.

Conclui-se ainda que a educação detém função importante na transformação desse cenário negativo de desigualdades entre homens e mulheres, em que estas últimas são geralmente tratadas com inferioridade. Por este motivo, torna-se importante levar para o contexto da sala de aula discussões sobre gênero, numa perspectiva feminista, uma vez que tal ação pode contribuir para que meninos e meninas compreendam que as feministas não odeiam os homens, apenas correm atrás de igualdade nos seus direitos que lhes são cabíveis.

Percebe-se um diálogo entre as ideias de Chimamanda e Margaret Rago, uma vez que para se alcançar um mundo mais filógino torna-se importante um processo educativo para que homens e mulheres compreendam que, na sua essência, nenhum gênero é mais forte que outro, não existem modelos comportamentais que as mulheres devem seguir e se submeter, logo, um deve respeitar e entender as necessidades do outro.

Por conseguinte, cabe frisar que a temática da educação na perspectiva feminista faz emergir a concepção de escola como ambiente transformador, de modo que o ensino deve ser tratado de uma forma diferenciada, ou seja, que homens e mulheres se respeitem e reconheçam suas formas de ser, ao invés de ensinar aos mesmos como devem ser. Assim, como Chimamanda mesmo defende, deve-se educar ressaltando os talentos e não exaltando determinado gênero.

#### **FOR A MORE FILAGOUS WORLD: EDUCATION AND FEMINISM.**

#### **ABSTRACT**

Inequalities between men and women are social constructions and are naturalized in contemporary society in a cultural process. It is common for girls to be educated to be sensitive/pleasing, molding a submissive behavior, while boys acquire characteristics of domination. Thus, in the present article it is intend to analyze some ideas formulated in the work "How to raise a feminist: a manifesto by Chimamanda Ngozi Adichie and its relation with a new educative practice, which is able to reduce gender prejudice. In addition, it was tried to base the work bringing some reflections on the proposal to create a friendly world to women, defended by Margaret Rago. Thereby, this study leaves as contribution a discussion that strengthens the importance of the learning focused on discussions about gender relations, which must be worked within the classroom, showing how the behaviors are perpetuated in the background of sexist social parameters.

**Keywords:** Feminism. Education. Chimamanda.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução de Denise Bottmann. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CALHEIRO, I.; OLIVEIRA, E. Olhar africano no tornar-se feminista: Por uma nova geração no mundo de Chimamanda. **Revista Tabuleiro de Letras**, PPGEL – Salvador, v. 11, n. 2, p. 230-235, 2017.
- CASTRO, A. M.; MACHADO, R. C. F. Moimento feminista no Brasil e América Latina: reflexões sobre educação e mulheres. **Revista Contrapontos – Eletrônica**, Itajaí, Vol. 16, n. 01, 2016.
- DOMINGUES, M. Educação e relações de gênero em uma perspectiva feminista. **Praça, Revista Discente de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, v. 1, n.1, 2017.
- FELIX, I. P. F.; PAULINO, S. C. A voz do subalterno no conto “A Historiadora Obstinada” de Chimamanda Ngozi Adichie. **Revista Travessias Interativas**. V. 16, n. 2, 2018.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Revista Pro-Posições**, v. 19, n.2(56) – maio/ago., 2008.
- MARTINS, M. **Por que ler Chimamanda Ngozi Adichie?** Revista Polen. Disponível em: <https://revistapolen.com/676/>. Acesso em 25, Nov., 2018.
- NOGUEIRA, L. B. S. **Relações sociais de sexo/gênero e educação: o acesso de mulheres ao ensino regular dos Institutos Federais do Rio Grande do Norte como uma dimensão da luta feminista por direitos sociais**. Monografia (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2017.
- PEREIRA, D. M. S.; SILVA, A. M. O papel da escola e da geografia como agentes promotores da diminuição do preconceito e da violência contra a mulher em Alagoas. **Anais... I Colóquio Internacional de Educação Geográfica**. Maceió, Alagoas, 2018.
- RAGO, Margareth. **Adeus ao feminismo?** Feminismo e (Pós)Modernidade no Brasil. Cadernos AEL, n. ¾, p. 11-43, 1995/1996.
- RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história**. In: Pedro, Joana; Grossi, Miriam (Orgs.) – Masculino Feminino, Plural. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.
- RAGO, Margareth. **Feminizar é preciso ou por uma cultura filógena**. Revista SEADE, São Paulo, 2002.
- RAGO, Margareth. **Feminizar é preciso: por uma cultura filógena**. São Paulo em perspectiva, 15 v. 3, p. 58-66, 2001.

SAN'ANNA E SILVA, T. F. História das mulheres e estudos feministas: um diálogo entre Rago, Rüsen e Mccullagh. **Revista História, Histórias**, Brasília, v. 3, n. 6, 2015.

SHOWALTER, Elaine. **A Crítica Feminista no Território Selvagem**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p.36.

SILVA, G. M. R. **Feminismo e Classismo: memórias, relações e disputas no sindicato único dos trabalhadores em educação de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2017.

SILVA, Sergio Gomes da. Preconceito e Discriminação: As Bases da Violência Contra a Mulher. **Psicologia ciência e profissão**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 556-571, 2010.